



LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO SOBRE HIVE/AIDS NA TERCEIRA IDADE

Dálquia Ferrarini de Paula¹; Marina Luiza Dalla Costa Favero²; Simone Martins Bonafe³

RESUMO: A epidemia de HIV/Aids no Brasil emergiu como um problema de saúde pública desde a sua descoberta. Levando-se em conta a maior incidência de infecção na faixa etária acima de 50 anos, o objetivo do presente estudo foi avaliar o conhecimento sobre HIV/Aids dos participantes de grupos de terceira idade da cidade de Maringá, PR. O levantamento epidemiológico consistiu na aplicação de 200 questionários anônimos, padronizados e objetivos para avaliação do nível de conhecimento e comportamento sobre a doença de pessoas acima de 50 anos de idade. A vida sexual ativa foi referida por 70,6% dos homens e 51,1% das mulheres, sendo que 58% da amostra não possuía companheiro fixo. Quanto ao uso de preservativo 26,5% referiram uso em todas as relações sexuais e a promiscuidade foi observada em 13,5% da amostra. Nesse sentido, o presente trabalho foi importante por revelar a existência de lacunas do conhecimento sobre HIV/Aids, nos domínios transmissão e vulnerabilidade, evidenciando fatores importantes que podem contribuir para o aumento da infecção pelo HIV nesse grupo etário.

PALAVRAS-CHAVE: Aids; HIV; idosos.

1 INTRODUÇÃO

Segundo estimativas realizadas pelo departamento de DST, Aids e hepatites virais, até o ano de 2013, aproximadamente 718 mil pessoas vivem com HIV/Aids no Brasil. Observa-se um tendência de aumento entre adultos com 50 anos ou mais. Os dados do boletim epidemiológico de 2013 mostram um aumento da incidência de HIV nessa população, que correspondia a 2741 notificados em 2001, aumentando para 6449 em 2011 e 6533 em 2012 (BRASIL, 2013).

Um dos fatores relacionados a esse aumento é a não aceitação da vida sexualmente ativa dessa faixa etária. O preconceito e a falta de informação reforçam o estereótipo da velhice assexuada, acarretando atitudes e comportamentos que podem elevar a vulnerabilidade do idoso frente às questões como a AIDS (PROVINCIALI, 2005). Além disso, Lazarotto et al. (2008), em sua pesquisa, constatou grande desconhecimento sobre a doença nos domínios “conceito”, “transmissão” e “vulnerabilidade” entre a população idosa.

Nessa perspectiva, levando em consideração a mudança no perfil da epidemia, foi essencial o levantamento de dados para estimar o risco que essa população está exposta. Conquando, o propósito da presente pesquisa foi avaliar o conhecimento da população idosa a respeito da Aids, considerando os modos de transmissão, prevenção e conceitos relacionados a doença e ao agente causador

¹ Acadêmica do Curso de Medicina do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Maringá - PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UniCesumar (PROBIC). dalquiafp@gmail.com.

² Acadêmica do Curso de Medicina do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. marinadcf@uol.com.br

³ Orientadora e Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. Simone.bonafe@unicesumar.edu.br



2 METODOLOGIA

O presente estudo consistiu em um levantamento epidemiológico por meio de pesquisa descritiva aplicada com participantes dos grupos de terceira idade de Maringá, Paraná: Associação da Terceira Idade de Maringá e Clube do Vovô. Foi elaborado e aplicado um questionário padronizado, no período de agosto à outubro de 2013, com questões objetivas para avaliar o conhecimento sobre HIV/aids nos grupos de terceira idade incluindo aqueles acima de 50 anos de idade, que aceitaram participar da pesquisa perante termo de consentimento previamente assinado. O questionário, anônimo, abrangeu questões relacionadas ao nível socioeconômico, idade, tempo de estudo, estado civil, presença de parceiro fixo, utilização de preservativo, questões relativas a aids como: conceito, transmissão, prevenção, risco de ser portador ou adquirir a doença nessa faixa etária e testagem sorológica. O tamanho amostral foi de 200 questionários, aplicados para traçar o conhecimento e comportamento acerca da doença. Os dados coletados foram analisados quanto à sua consistência, codificados e transcritos em banco de dados (SPSS).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o presente estudo 70,6% dos homens e 51,1% das mulheres têm vida sexual ativa, sendo que 58% não possuem companheiro fixo. Quanto ao uso de preservativo apenas 26,5% da amostra refere uso em todas as relações, sendo referido o uso por 34% dos homens e 66% das mulheres (GRÁFICO 1). Isso é relevante no momento em que o contexto da epidemia de HIV/AIDS entre os idosos torna-se preocupante por fatores como uso de medicamentos para as disfunções eréteis os quais favorecem as relações sexuais; em decorrência da crença errônea em se considerar a velhice "assexuada" dos idosos (LISBOA, 2006) os médicos muitas vezes não os questionam sobre atividade sexual, como registrado em pesquisas (CAHILL; KRIVO-KAUFMAN, 2009); ainda segundo este documento, os idosos não têm conhecimentos sobre HIV/AIDS e acreditam-se livres do risco de contrair a doença.

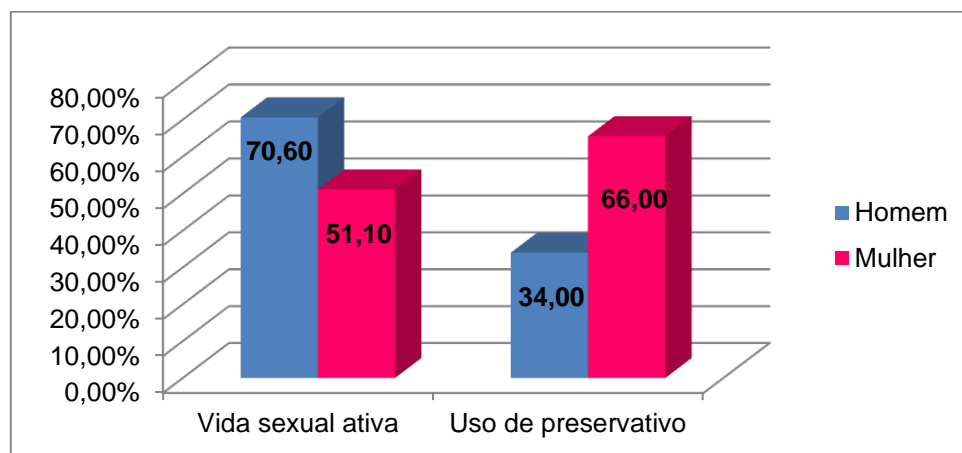


Gráfico 1. Percentual da relação do gênero, segundo uso de preservativo e vida sexual ativa. Maringá, 2013.



O perfil dos indivíduos estudados na presente pesquisa está em consonância com a tendência atual de participação de grupos de idosos, demonstrando predominância feminina, de baixa escolaridade e baixa renda familiar (LAZZAROTO et al., 2010; PEREIRA et al., 2010), reforçando a possível iniquidade na qual a epidemia pode se expandir. Ainda nesta pesquisa, verificou-se que a maioria dos investigados não tinha companheiro fixo, alguns com comportamento promíscuo, constituindo um agravante para propagação do vírus.

Estima-se que a camisinha seja utilizada seis vezes menos entre os idosos quando comparado seu uso entre os jovens (RODRIGUES; PRAÇA, 2010). Apesar de a maioria ter conhecimento sobre as formas de transmissão, ainda acredita que picada de mosquito (79,9%), compartilhamento de sabonetes e toalhas (62,1%), talheres, copos e pratos (62,3%) podem transmitir o vírus. No presente estudo, tal desconhecimento foi evidente, uma vez que, somente 9,5% dos entrevistados acertaram todas as formas de transmissão. Nesse sentido, nota-se que os idosos demonstraram ter conhecimento correto sobre a transmissão sanguínea e sexual da AIDS, mas não responderam adequadamente quanto à totalidade dos meios de transmissão da doença.

Somente 20,6% dos entrevistados da presente pesquisa faz o uso de preservativo em todas as relações. Segundo Leite et al. (2007), uma parcela significativa (73,07%) dos idosos considera não apresentar risco para contrair DST's e HIV/AIDS; soma-se a isso a resistência em usar o preservativo, seja por receio de perder a ereção, por não saber utilizá-lo ou mesmo por acreditar que a proteção só é necessária nas relações extraconjugais (OLIVEIRA et al., 2008). Guerreiro et al. (2002) ainda enfatiza a falsa percepção de diminuição do prazer. No entanto, deve-se considerar também, que as pessoas acima de 50 anos, na atualidade, não iniciaram sua vivência sexual, quando mais jovem, com o uso do preservativo, o que dificulta o seu uso contínuo, deixando-as mais vulneráveis a adquirir DST's (OLIVEIRA et al., 2008).

Além do uso do preservativo, a literatura refere que uma estratégia importante na prevenção da infecção pelo HIV é aumentar o número de indivíduos que realizam o teste anti-HIV, tendo em vista que mais da metade das infecções são transmitidas por pessoas que não conhecem sua condição sorológica. Como observado em nossa pesquisa aproximadamente 50% dos entrevistados já realizaram sorologia em algum momento da vida, no entanto, 62% dos participantes que não usam preservativo nunca fizeram sorotestagem.

A literatura enfatiza que com companheiro fixo os riscos de exposição ao vírus HIV diminuem, tendo em vista que a multiplicidade de parceiros constitui um fator de risco para o contágio de DST e HIV/ AIDS (LIMA et al., 2008). Um grande percentual, em nosso estudo, de idosos (58%) não possui parceiro(a) fixo(a), indicando a importância de uma correta orientação quanto à prevenção das DSTs e HIV/Aids, pois essa parcela da população possui maior probabilidade de exposição ao vírus, isto é, manter relação sexual com um maior número de pessoas, elevando as chances de contraírem essas morbidades. Por conseguinte, do total da amostra 13,5% relataram ter mais do que três parceiros nos últimos seis meses, elucidando um comportamento de risco de importância para a propagação da doença.



4 CONCLUSÃO

O conhecimento adequado sobre a transmissão do HIV e a implementação de estratégias indicadas para sua prevenção são de grande relevância na Gerontologia. O presente trabalho foi importante, por revelar a existência de lacunas no conhecimento sobre HIV/AIDS entre indivíduos com 50 anos ou mais nos domínios transmissão e vulnerabilidade. Apesar do conhecimento sobre o HIV/AIDS da população demonstrada nesse estudo, ainda prevalecem dúvidas importantes que podem modificar a conjuntura da epidemia, incluindo-se ao fato de credices relacionadas à sexualidade dos idosos. A verificação do nível de conhecimento entre os idosos evidencia lacunas em relação aos fatores de risco que podem contribuir para o aumento da infecção pelo HIV nessa faixa etária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. **Boletim epidemiológico** AIDS. Brasília-DF, Ano II, n. 1, jun. 2013.

CAHILL, S.; KRIVO-KAUFMAN, A. Growing Older with HIV. **Achieve**, Nova York, 2009. Disponível em: < <http://www.gmhc.org/files/editor/file/fall09.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

LAZZAROTTO, A. et al. HIV/aids e meia idade: avaliação do conhecimento de indivíduos da região do Vale do Sinos (RS). **Brasil. Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, June. 2010. Available from <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232010000700027&lng=en&nrm=iso>. Access on 17 May 2014.

LEITE, M. T.; MOURA, C. de; BERLEZI, E. M. Doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS na opinião de idosos que participam de grupos de terceira idade Doenças sexualmente transmissíveis na opinião de idosos. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, 2007. Disponível em <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232007000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 mai. 2014.

LISBOA, M. A invisibilidade da população acima de 50 anos no contexto da epidemia de HIV/AIDS, 2006.

OLIVEIRA, J. S. C.; LIMA, F. L. A.; SALDANHA, A. A. W. Qualidade de Vida em pessoas com mais de 50 anos HIV+: um estudo comparativo com a população geral. **Jornal brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis**, Niteroi, v. 20, n. 3/4, p. 179-184, 2008.

PRAÇA, N. S.; SOUZA, J. O., RODRIGUES D. A. L. Mulher no período pós-reprodutivo e HIV/AIDS: percepção e ações segundo o modelo de crenças em saúde. **Texto Contexto Enferm**, v. 19, n. 3. p. 518-525, 2010.



PROVINCIALI, R. M. **O convívio com HIV/aids em pessoas da terceira idade e suas representações: vulnerabilidade e enfrentamento.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2005.

RODRIGUES, D. A. L., PRAÇA, N. S. Mulheres com idade igual ou superior a 50 anos: ações preventivas da infecção pelo HIV. **Rev. Gaúcha Enferm**, v. 3, n. 2, p. 321-327, 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/12459/10242>. Acesso em: 29 ago. 2012.